

Kafka compara dívida a reparações de guerra

Armando Ourique

Washington — “O problema atual da dívida apresenta perigos semelhantes ao problema das reparações de guerra a que a Alemanha foi submetida no Tratado de Versailles de 1919, afirma o representante do Brasil no Fundo Monetário Internacional, Alexandre Kafka, em artigo pela passagem do centenário de nascimento do economista, John Keynes, publicado na revista do Fundo — Finance and Development.

Kafka diz que Keynes foi um crítico amargo do tratado, argumentando que “os pagamentos de reparações eram (quase) impossíveis, porque a transferência ocasionaria perdas violentas dos termos de troca para o país pagador”. “Reparações financeiras após a Segunda Guerra Mundial foram evitadas refletindo essa lição”, acrescenta o diretor do FMI.

Em seguida, Kafka afirma que “o problema atual da dívida apresenta perigos semelhantes ao problema das reparações — na medida que uma guinada repentina de hiato de recursos de negativo para positivo é necessária”. Esta comparação, no entanto, é atenuada posteriormente com as afirmações de que “não se espera que os países devedores assumam imediatamente os níveis líquidos de empréstimos que possam ser apropriados a médio prazo”. O segundo fator atenuante é que “os países credores, assim como os bancos, estão sendo exortados com algum sucesso a facilitar essa transição com o aumento de suas carteiras de empréstimos”.

Kafka assinala “que uma outra lição da controvérsia das reparações, ainda válida hoje, é a necessidade de os países credores expandirem os seus gastos globais e reduzirem suas barreiras às importações”. Afirma que o descaso por essas lições coloca em risco os países credores e o mundo.

Em entrevista sobre o artigo, Kafka afirmou que “os bancos comerciais estão financiando com novos empréstimos negociados involuntariamente cerca da metade dos pagamentos de juros sobre a dívida de 600 bilhões de dólares dos países mais endividados”. Comentou, ainda, que as perdas de relações de troca pelo problema da dívida são atenuadas em relação às reparações de guerra do Tratado de Versailles, porque no caso de diversas mercadorias os países endividados são

exportadores com pouco peso no comércio internacional. Mas assinalou que qualquer aumento significativo da oferta de uma mercadoria no mercado internacional determina a queda dos seus preços.

Em outra parte de seu artigo, Kafka menciona o Senador Roberto Campos para afirmar que “o mundo poderá precisar (no futuro próximo) de uma nova dose de keynesianismo”. “Como Roberto Campos disse-me, parece existir uma complementariedade desconcertante entre (o economista da escola monetarista de Chicago) Friedman e Keynes: a prática ingênua de políticas friedmanianas podem estar por recriar as condições em que o mundo poderá necessitar de uma nova dose de keynesianismo”.

Kafka chamou atenção ainda para o fato de que as teses sobre desemprego de Keynes nos países industrializados não se aplicam para o subemprego nos países em desenvolvimento. No primeiro caso, afirma o artigo, o problema refere-se a “salários reais excessivos”, mas a razão do subemprego nos países em desenvolvimento é “as peculiaridades do sistema de distribuição de renda no setor não-comercial da agricultura”.

Kafka lembrou ainda as propostas de Keynes para a criação do Fundo Monetário Internacional, após o fim da Segunda Guerra, quando o economista representou a Grã-Bretanha na conferência de Bretton Woods. Sublinhou que, na concepção de Keynes, o FMI, que seria uma espécie de banco central mundial, poderia criar ativos para financiar suas operações, podendo contabilizar déficits com a emissão de ativos. Nesta proposta, todos os países seriam obrigados a aceitar títulos do FMI para a resolução de questões internacionais.

Lembrou ainda uma proposta canadense durante a Conferência de 1946 em que os países membros seriam obrigados a emprestar 50% de suas quotas em casos de necessidade. Disse que se esta provisão tivesse sido aprovada “a vida recente do Fundo poderia ter sido facilitada”. Keynes, que teve suas teses derrotadas pela delegação dos Estados Unidos, previa que os países membros teriam acesso mais imediato aos seus recursos do que o FMI tem praticado, lembrou Kafka.